

# A LÓGICA LACANIANA DO EQUÍVOCO<sup>1</sup>

(Sentido e Denotação)

Mônica Palacio de Barros Correia<sup>2</sup>

A escrita desse trabalho é fruto da pesquisa que vimos desenvolvendo sobre a lógica própria à psicanálise, partindo do princípio que não tem como se ler Lacan sem antes conhecer a origem dos conceitos que fundaram seu ensino, inicialmente orientado para a leitura de Freud, tomando em seguida caráter próprio como podemos ver com a leitura, dentre outros, do “...ou pior” e “O saber do psicanalista”, seminários e textos escritos que temos estudado ultimamente.

Trabalhamos sobre os Estóicos nos livros: *Os Estóicos I* de Frédérique Ildefonse, na *Lógica do Sentido* de Gilles Deleuze e no texto “Notas de leitura sobre os incorpóreos estóicos no ensino de Lacan” de Alduisio de Sousa, de onde deduzimos que para pensar num existencial em Freud seria quase impossível e teoricamente incorreto, dentro da intertextualidade entre homens de cultura, supor que ele não conhecia a teoria dos *incorpóreos* quando formulou sua hipótese sobre a Identificação, chamando a primeira delas Identificação por incorporação, com o pai, antes de qualquer noção de objeto. O que era incorporado aí, no que vemos hoje, senão “um valor”? Um elemento que a partir de Lacan passou a ser denominado um *significante*. Por não se tratar de canibalismo esse elemento aderido é *incorpóreo* ou imaterial. É uma incorporação que em si mesma cria a existência do corpo e do *incorpóreo*, *aliquid*, condição de toda simbolização onde Freud vai trabalhar em 1925 no texto “A denegação”.

Quanto a Lacan e a sua noção que adquiriu função de axioma: “O inconsciente estruturado como uma linguagem”, vai a partir de então caracterizar o sujeito como falante. Esta pontualidade é o que comumente chamamos humano. A partir de então, como falante, ele passa a se utilizar da linguagem como forma de expressar aquilo que está sobposto. É dessa condição de enunciação de onde deriva o conceito de “sujeito”. Termos como: Dizer e dito, enunciado e enunciação, verdade e semblante, etc, vão ser

---

<sup>1</sup> Recife, 28 de novembro de 2009.

<sup>2</sup> Psicanalista, membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil/PE. E-Mail: mpalacio@superig.com.br.

utilizados por Lacan para se referir à constante ambivalência que caracteriza nossa posição paradoxal de existência.

A clínica da Psicanálise nos confronta essa dicotomia paradoxal tornando necessário, como forma de sustentar esse desafio, além do trabalho pessoal de análise a se submeter, o domínio dos conceitos psicanalíticos por meio da investigação lógica que os sustenta e que são essenciais ao entendimento clínico de Lacan. A lida com o Real enquanto o impossível de uma modalidade lógica cria o praticável. Quando enuncio um impossível, que não advém na linguagem, estou tornando esse impossível praticável, ou seja, praticando o impossível ao inscrevê-lo. Assim é que nos deparamos com aspectos da clínica tais como: Angústia, depressão, acting-out, passagem ao ato, sonhos, ditos espirituosos, fantasias, etc. “Clínica do Real” passa a ser no meu entendimento a própria “Clínica da Psicanálise”. Lacan vai dizer na “Terceira” que o Real é aquilo que insiste e sub-existe, um obstáculo que não cessa de repetir para atrapalhar a caminhada. Citando: “Devo sustentar essa “Terceira” pelo Real que ela suporta”...“as pessoas temem que a Psicanálise seja um sintoma”...“chamo de sintoma tudo que vem do Real”...“não é de forma alguma do analista que depende o advento do Real. O analista tem por missão se lhe opor.”

É por essa “missão” que venho me dedicando ao estudo da lógica, introduzida no nosso grupo por Alduisio através do seu minucioso estudo sobre o barroco e sobre os Estóicos, particularmente os filósofos do pórtico, Crísipo e Zenão de Citium, como também os modernos: Espinosa, Libniz, Frege, Lewis Carrol e Deleuze, destacando a origem da conceituação lacaniana no que poderíamos chamar seus conceitos elementares.

Lacan no “Seminário os sabichões erram”, afirma: A lógica não pode se definir senão por ser a ciência do Real, mas de que lógica estaria ele se referindo quando sabemos que partiu da lógica clássica, lógica aristotélica, sem deixar de considerar a influência que recebeu dos pré-socráticos, do socratismo e platonismo? Sabemos o quanto Lacan refere à filosofia aristotélica ao nomear Aristóteles como um dos pioneiros da lógica, indicando inclusive no referido Seminário a leitura do *Organon* como o livro onde Aristóteles foi a fundo quanto a esse tema. A lógica como a psicanálise se utiliza da prática da letra. O saber do Real impresso em algum lugar; alfa, beta e gama, é disso que se trata o inconsciente. Temos aí, diz Lacan, o grande avanço da lógica como ciência do Real; se ater ao escrito, esvaziando de sentido tudo o que entra na ordem de um dizer.

Entretanto a filosofia clássica com o surgimento da metafísica se inclinaria para universalidade do discurso tomado como indício de uma verdade sobre o ser. Nessa perspectiva toda tentativa de construção do discurso se baseava na exata correspondência entre o pensamento e o ser. Aristóteles por outro lado era sabedor que o discurso humano é sempre discurso *para outro*, que está muito mais voltado para o interlocutor do que para a coisa mesma. Assim ele passa a não ver mais o discurso enquanto significação pura e simples.

Segundo Garcia Roza no livro “Palavra e verdade na filosofia antiga e na psicanálise”, Platão e Aristóteles como iniciadores da tradição intelectualista procuravam o princípio das coisas em entidades puramente inteligíveis, fazendo a filosofia girar em torno dos universais e das essências. Contra a transcendência da ideia platônica e a predominância dos universais aristotélicos, os Estóicos se apresentavam como nominalistas e radicalmente materialistas. Para eles tudo o que existe é corpo e não apenas os objetos são materiais, mas o espírito também. Somente o indivíduo em sua singularidade, como nome próprio, é real, tudo mais não passa de nomes e palavras consideradas por eles também corpos, mesmo que não tenha existência concreta. Será que já não estaríamos aí falando do *significante* lacaniano?

A doutrina Estoica não está pautada numa concepção mecanicista de causa e efeito, nela os corpos se misturam passando a existir numa constante interpenetração que se dá sem alteração de suas propriedades originais por acolher atributos. Uma barra de ferro que sofre penetração de calor não perde suas propriedades individuais. A plasticidade do ferro como efeito do aí ocorrido significa para os Estóicos a produção de um atributo novo, de “ser dobrável”. Assim os corpos são causa uns para os outros de algo que não é corpo nem propriedade de corpo, mas sim *incorpóreo*. Os incorporais são efeitos ou atributos lógicos, não são coisas nem estado de coisas mas *acontecimentos*. Um atributo não é uma qualidade real, como normalmente se pensa, não é um adjetivo ou substantivo mas um verbo que traduz um *acontecimento*. Dizer que a árvore é verde não é o mesmo que encontramos ao falar “a árvore verdeja”. O atributo aí expresso como verbo não é um ser mas uma *maneira de ser*, um efeito que se traduz como “acontecência”. Será que não estaríamos aí falando no conceito de *semblante*?

Podemos datar a Escola Estoica de 312 a.C. até 180 d.C. Ela foi considerada uma das últimas grandes Escolas Grega que criou as bases do Helenismo disseminado na Europa, Ásia e África durante o reinado do pensador e estrategista Alexandre

Magno. *Stoa* em Grego quer dizer Pórtico daí até hoje ser também chamada Escola Pórtica, já que aportaram em Atenas Zenon de Citium, Cleance e Crísipo, considerados os primeiros representantes desse movimento denominado por historiadores, dentre eles Pierre-Maxime Schuhl e Emile Bréhier, de antigo Estoicismo. Era nos arredores do porto que eles expunham suas ideias de onde surgiu a origem do nome Estoico. O apuro da linguagem estoica foi tão grande que ela estendeu da filosofia para diferentes abordagens da linguagem, exigindo inclusive novos tratados de gramática, e para as diversas semiologias entre as quais a de Saussure. Os argumentos tratados III séculos antes de Cristo continuam extremamente modernos na atualidade, como vemos em obras fenomenais dentre as quais: Lewis Carroll, Gilles Deleuze, James Joyce, Borges, Umberto Eco, etc.

“Crísipo ensina: Se diz alguma coisa essa coisa passa pela boca; ora, se tu dizes uma carroça, logo uma carroça passa por tua boca”. Retomado por Gilles Deleuze – *Lógica do sentido*. De forma análoga Lacan inicia o seu ensino do Seminário 1, distribuindo figurinhas de elefante a seus alunos e brinca com a plateia que o assistia dizendo que entre eles havia um elefante, o que inclusive depois veio a se constituir na capa do referido Seminário. Assim como Crísipo ele estava tratando do *significante* como um *exprimível*, que passa a existir enquanto nome representando a presença de uma ausência.

Observamos o quanto os Estóicos tinham seu pensamento voltado para a constituição de uma teoria do discurso. Em Crísipo a dialética diz respeito às palavras e ao que elas significam, ou seja, àquilo que pode ser expresso pelo discurso. O “*lêkton*” é esse *incorpóreo* que não se confunde com as palavras ou frases, mas que só pode ser identificado através delas já que são elas que o expressam. Temos assim o *lêkton* como o *exprimível* de um *acontecimento*, um extra-ser ou quase-ser que se encontra localizado na superfície do ser, ou como nos exemplifica Lacan no Seminário “A relação de objeto”.../... “pensem no que acontece quando vocês pedem um livro numa biblioteca. Dizem-lhes que não está no seu lugar, ele pode está bem ao lado, mais ainda assim, falta em seu lugar.../... Poderíamos com isso pensar na questão da ex-sistência, um vazio indicando um outro modo de existência? Não seria a condição mesma do objeto “a”?

““Alice” assim como “Do outro lado do espelho” tratam de uma categoria de coisas muito especiais: os acontecimentos, os acontecimentos puros. Quando digo “Alice cresce”, quero dizer que ela se torna maior do que era. Mas por isso mesmo ela também se torna menor do que é agora. Sem dúvida não é ao mesmo tempo em que ela

é maior e menor. Mas é ao mesmo tempo que ela se torna um e outro. Ela é maior agora e era menor antes. Mas é ao mesmo tempo, no mesmo lance, que nos tornamos maiores do que éramos e que nos fazemos menores do que nos tornamos. Tal é a simultaneidade de um devir cuja propriedade é furtar-se ao presente. Na medida em que se furta ao presente, o devir não suporta a separação nem a distinção do antes e do depois, do passado e do futuro. Pertence à essência do devir avançar, puxar nos dois sentidos ao mesmo tempo: Alice não cresce sem ficar menor e inversamente. Se o bom senso é a afirmação de que em todas as coisas há um sentido determinável, no paradoxo os sentidos são simultâneos. É do interesse de Lacan o estudo de Parmênides de Platão que trabalha essa estrutura paradoxal do *ser*: *O ser é e o não-ser é*. Nosso trabalho enquanto analistas vai lidar com situações paradoxais, ou seja situações onde a lei da não-contradição opera. Não seria o Inconsciente a própria estrutura do paradoxo oscilando entre saber e verdade?

O *Acontecimento* é a apreensão do paradoxal, da estranheza que nos toma o duplo movimento do devir sem medida, que se dá nos dois sentidos ao mesmo tempo coincidindo futuro e passado, dentro e fora, maior e menor. É tudo que se distingue do limite das quantidades e qualidades fixas do tempo presente, onde as coisas permanecem num ponto de parada como nas designações em geral: Tal pessoa é boa, Alice está crescida, o ferro ficou vermelho, a faca corta, etc. O devir louco, por outro lado, precisa deixar de ser para só então *vir a ser*.

“As coisas medidas acham-se sob as Ideias; mas debaixo das próprias coisas não haveria esse elemento louco que subsiste, que “sub-vem”, aquém da ordem imposta pelas ideias e recebida pelas coisas?” Gilles Deleuze, *A lógica do sentido*.

Quando os nomes e as coisas são arrastados pelos verbos de puro devir e deslizam na linguagem dos acontecimentos há o que chamamos de perda da identidade ou perda do nome próprio. Esse fenômeno é o que se repete constantemente nas aventuras de Alice que vive perdida à procura do sentido.../...“em que sentido, em que sentido?”.../...

Os *acontecimentos* incorpóreos, afirma Deleuze, não o encontramos nas profundezas do ser. O crescer, avermelhar, cortar, verdejar não são coisas ou estado de coisas que se encontram dentro dos corpos. O mais profundo é o imediato e o imediato está na linguagem. Temos assim duas leituras do tempo em que os corpos e incorpóreos se relacionam na teoria dos Estóicos; a do *Cronos* e a do *Aion*. O *Cronos* é o tempo presente das incorporações que tem por finalidade delimitar a ação dos corpos dentro

daquilo que é mensurável (paradas, suspensões, escansões, ritmos que se expressam na linguagem de maneira formal pelos sinais de pontuação). O *Aion* em oposição é o tempo onde somente passado e futuro insistem e subsistem nos dois sentidos simultaneamente. Enquanto *Cronos* é o tempo das espessuras profundas, *Aion* é o instante da superfície sem espessura e sem extensão, pervertendo o presente em passado e futuro insistente. Se de um lado *Cronos* exprime a ação dos corpos e suas qualidades, do outro *Aion* é o tempo absoluto dos acontecimentos incorporais e dos atributos distintos de qualificações. A finitude de *Aion* se restringe ao instante, ou seja, a busca do que acontece enquanto acontece. É nisso que consiste a moral Estoica.

Podemos deduzir no que foi dito até aqui sobre o *Acontecimento* que há uma estreita relação com tudo o que na teoria lacaniana tem sido formulado sobre o *Real*. O Encontro com o objeto, a topada, o inesperado, o estranho são na verdade a presença de *Lêktons* que exige um trabalho de elaboração, podendo ser abordado pela lógica proposicional proposta por Frege e adotada por Lacan.

Na leitura das proposições encontramos quatro formas que são: *A designação* ou *indicação* que subsume os estados de coisas individuais e as imagens particulares. São indicadores singulares como: Isto, aquilo, ele, aqui, acolá, ontem, agora, ora, etc. Em relação ao falso e ao verdadeiro: “É isto”, “não é isto”. *A manifestação* já caracteriza uma relação da proposição com o sujeito que fala e se exprime. Os desejos e crenças se encontram aí incluídos como inferência. A partir do “Eu” tem-se o domínio do pessoal. São manifestantes: Eu, tu, amanhã, sempre, alhures, em toda parte, etc. *A significação* trata da relação das palavras com conceitos universais ou gerais, nela a proposição se apresenta em forma de demonstração, ou seja, premissas que se implicam. São significantes linguísticos tais como: “logo” ; “implica”. A implicação é o signo que define a relação entre as premissas e a conclusão. A quarta dimensão da proposição é “o sentido”, o *lêkton*, o *exprimível* ou *dizível* de uma proposição.

Para elaboração do conceito de número e conseqüentemente constituição da lógica simbólica, Frege irá consumir atualizando e nomeando diversamente o projeto de Leibniz de uma linguagem universal de sinais [mathesis universal], língua característica, a qual Frege chamará de conceitografia ou ideografia, uma linguagem formular da qual se retiraria toda ambigüidade sem deixar escapar o conteúdo. Essa linguagem serviu para as deduções necessárias ao seu projeto de Ciência Aritmética.

Para Leibniz o papel preponderante da linguagem vem do fato dela apresentar-se como condição de apreensão de nossa natureza pensante e racional. Sem ela não

teríamos instrumento para simbolizar as ideias e sobretudo não teríamos ideias para pensar

O projeto de uma língua universal, língua de sinais, como instrumento de formalização e validação dos argumentos, ou seja, um sistema simbólico que reproduzisse com exatidão as operações do pensamento, foi a ambição de Leibniz reconhecidamente compartilhada duzentos anos depois pelo pai da lógica matemática contemporânea, Gottlob Frege. O que Leibniz almejava desenvolver e que posteriormente Frege consumou, era uma língua composta basicamente por letras que pudesse representar em sua pureza as operações elementares do raciocínio.

Escolhemos como base ao nosso estudo sobre lógica o texto de Frege, “Sentido e denotação” (também traduzido por Sentido e significação ou significado), por ser ele essencial ao entendimento clínico de Lacan no que se refere ao trato com a linguagem. O texto que ora adotamos, mesmo tendo permanecido inédito até 1918 e efetivamente sendo divulgado a partir de 1967 permitiu a Frege aquilo que há de mais revolucionário para abordagem da linguagem, ou seja, se quisermos estender conceitualmente seu alcance basta nos referirmos ao latente e manifesto dos sonhos na psicanálise com destaque para “A denegação” que é condição sine-qua-non para toda simbolização.

Observamos nesse texto pontos comuns aos encontrados na leitura de Leibniz quanto à diferença essencial primeiramente da relação de simbolização entre um nome e a ideia ou objeto que ele nomeia e por outro lado o meio pelo qual essa relação de simbolização é estabelecida, ou seja, qual a relação que o nome mantém com outros nomes recebendo daí um significado para nós essencial à simbolização. Assim temos em Frege a diferença entre: Objeto, nome próprio e signos de objetos, operando o sentido, a denotação, o valor de verdade e o pensamento. A *denotação* é o objeto que designamos por um nome e o *sentido* diz respeito às várias *conotações* que recebe esse nome. Não devemos nos contentar somente com o *sentido* de uma proposição, precisamos também buscar sua *denotação* dada à importância que tem seu *valor de verdade*. O projeto de Frege é todo ele orientado por sua obra: “Conceitografia, uma linguagem formular do pensamento puro inspirada da linguagem aritmética”.

A noção de igualdade como identidade diz respeito à relação que toda coisa tem consigo mesma ( $a = a$ ). O que Frege vai ressaltar é a relação de igualdade entre coisas diferentes, ou seja, entre nomes ou signos de objetos ao designarem ou denominarem uma mesma coisa ( $a = b$ ). A igualdade nesse segundo caso aponta também para uma

diferença entre signos ou nomes, não mais a coisa nela mesma. Estes signos apesar de diferentes “a” e “b” denotam o mesmo objeto.

Na esteira de Leibniz para ficar no exemplo que se tornou clássico entre o triângulo e o trilátero (designando o mesmo objeto), Frege irá nos introduzir a reflexão sobre sentido e denotação a partir do planeta Vênus, que pode conotar tanto estrela da manhã como estrela da noite denotando entretanto o mesmo objeto conceitual: Vênus. Temos aí nomes que simbolizam a mesma coisa a despeito de terem sentidos diferentes.

Então precisamos nos interrogar sobre aquilo que temos como *existência* e o que suportamos como *ex-sistência*. Assim estamos diante da questão; do Outro, do objeto “a”, implicando sujeito e verdade que Lacan irá trabalhar a partir da tríade pearciana; do objeto, representâmem e interpretante. Como nos exemplifica Philippe Julien no livro “Psicose, perversão, neurose: Se o representâmem do objeto é a palavra “granada”, esta produz várias interpretações: cidade, fruta, arma, cor, e outras que por ventura se associarem nessa vertente representâmem↔interpretante.

Lacan nos diz na “Terceira” que o *significante* deve ser escutado com o pouco de estoicismo que temos, ou seja, sermos capazes de abrir mão da certeza absoluta em prol de uma certeza relativa. *Lalíngua*: ...“É mesmo, a morte do signo que ela veicula”...“Não é pelo fato de o inconsciente ser estruturado como uma linguagem que *lalíngua* não possa atuar contra seu gozar, pois ela é feita desse próprio gozo”... “É na *lalíngua* onde opera a interpretação”.

Como vimos podemos rigorosamente situar Lacan na série Estóicos, Leibniz, Frege, ficando como condição da constituição dessa série o conceito de desejo derivado de Espinoza e Freud.

O que seria dentro dessa lógica serial de uma ideografia e de uma topologia, os matemas e a escrita lacaniana de *lalíngua*?

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.